

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
VOCÊS QUE VIVEM – OS FILMES DE ROY ANDERSSON
7 de outubro de 2020

BESÖKA SIN SON / 1967
“Visita ao Filho”

Realização, Argumento e Montagem: Roy Andersson / *Fotografia* (16mm, preto e branco): Bo Blomberg, Peter Davidson / *Som:* Björn Öberg, Lasse Johansson / *Interpretação:* Maud Backéus, Lars Karlsteen, Kajsa Wilund, Peter Egge.

Produção: Filmskolan Svenska Filminstitutet (Estocolmo) / *Produtor:* Göran Gunér / *Cópia:* da Cinemateca Sueca, DCP, preto e branco, versão original falada em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / 9 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada. *Primeira exibição na Cinemateca.*

HÄMTA EN CYKEL / 1967
“Levar a Bicicleta”

Realização e Montagem: Roy Andersson / *Argumento:* Marianne Johnsson / *Fotografia* (16 mm, cor): Bo Blomberg, Inge Roos / *Som:* Björn Öberg, Owe Svensson / *Interpretação:* Monica Löf, Pierre Bené. *Produção:* Filmskolan Svenska Filminstitutet (Estocolmo) / *Produtor:* Göran Gunér / *Cópia:* da Cinemateca Sueca, DCP, cor, versão original falada em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 17 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada. *Primeira exibição na Cinemateca.*

LÖRDAGEN DEN 5.10 / 1969
“Sábado, 5/10”

Realização, Argumento e Montagem: Roy Andersson / *Fotografia* (em 35 mm, preto e branco): Bertil Rosengren, Petter Davidson / *Som:* Björn Öberg, Lars Johansson / *Interpretação:* Bernt Hedberg (o filho), Rose Lagercrantz (a namorada), Ingeborg Kähr (a mãe), Gunnar Ossiander, Stefan Böhm, Curt Ericson, Sol-Britt Pilotti, etc.

Produção: Filmskolan Svenska Filminstitutet / *Produtor:* Göran Gunér / *Cópia:* da Cinemateca Sueca, em 35mm, preto e branco, versão original falada em sueco com legendagem eletrônica em português / *Duração:* 48 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada. *Primeira exibição na Cinemateca.*

NÄGONTING HAR HÄNT / 1987
“Aconteceu alguma Coisa”

Realização, argumento e montagem: Roy Andersson / *Fotografia* (em 35 mm, cor): István Borbás / *Som:* Johan Colding / *Interpretação:* Klas-Gösta Olsson, Anne Tubin, Lennart Björklund, Sandy Mansson, etc.

Produção: Socialstyrelsen, Studio 24 / *Cópia:* da Cinemateca Sueca, 35mm, cor, versão original falada em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 27 minutos / *Estreia mundial:* data não identificada. *Primeira exibição na Cinemateca.*

HÄRLIG ÄR JORDEN / 1991
“Gloriosa É a Terra”

Realização, argumento e montagem: Roy Andersson / *Fotografia* (35 mm, cor): István Borbás / *Som:* Lars Malmström, Johan Olsson / *Música:* Allan Pettersson / *Interpretação:* Klas-Gösta Olsson, Lennart Björklund, Christer Christensen, Bernard Eiger, Rolf Engström, Gun Fors, Udo Künnapas, Hans Söderholm, Anne Tubin.

Produção: Göteborg Film Festival, SVT Drama, Studio 24, Svenska Filminstitutet (SFI) / *Produtores:* Göran Lindström, Freddy Olsson / *Cópia:* DCP, cor, versão original falada em sueco com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / *Duração:* 16 minutos / *Estreia mundial:* 2 de fevereiro de 1991 (Festival Internacional de Cinema de Gotemburgo) / *Primeira exibição na Cinemateca.*

duração total da sessão: 117 minutos

Reunindo as cinco curtas metragens que compõem a filmografia “oficial” de Roy Andersson no formato (há ainda mais um filme que, tendo sido dirigido pelo cineasta, acabou por não ter o seu nome no genérico final), esta sessão dará razão aos que o vêem como um realizador que viveu duas vezes. Noutros autores com carreiras tão longas como a de Andersson (mais de cinquenta anos distam entre o primeiro filme de escola e o filme mais recente, **Da Eternidade**) poderão certamente distinguir-se diferentes fases ou períodos, mudanças estilísticas, alterações de tom, etc, mas será ainda válido o axioma da política dos autores de que, por trás dessas oscilações, “fizeram sempre o mesmo filme”. Sobre Andersson, a descontinuidade entre uma primeira fase (iniciada com os filmes de escola e interrompida com o fracasso crítico e comercial de **Giliap**, que era aliás o princípio de outra coisa que não chegou a afirmar-se, o qual ditou o seu afastamento durante mais de vinte anos da realização de longas metragens) e um segundo período (de que as duas últimas curtas desta sessão são o princípio e que se prolonga até ao presente) é tão flagrante que, por muito boa vontade e capacidade hermenêutica que exista, se torna muito difícil ver a unidade de uma mesma voz autoral a ligá-los. Dito isto, não deixa de ser um jogo curioso e parcialmente recompensador descobrir as semelhanças e as diferenças entre o Dr. Roy (o realista relativamente sóbrio da primeira fase) e o Mr. Andersson (o visionário apocalíptico da segunda) a partir destas cinco curtas metragens.

Realizadas em contexto escolar quando Andersson frequentava o curso de cinema do Instituto de Cinema Sueco em Estocolmo, **Besöka sin Son**, **Hämta en Cykel** e **Lördagen den 5.10** são exercícios muito estimáveis, em que o talento do então aprendiz de cineasta é já absolutamente evidente. Apesar dos inevitáveis condicionalismos deste tipo de produções, é sem favor que dizemos que, tanto **Hämta en Cykel** e **Lördagen den 5.10**, são suficientemente promissores para nos fazerem lembrar as primeiras obras de alguns dos grandes nomes das novas vagas a Leste (Milos Forman é o primeiro nome que nos vem à cabeça), nos quais é legítimo encontrar o parentesco artístico destes passos iniciais de Roy Andersson. Desde logo porque filmando a inocência da “juventude” nesses três filmes, Andersson acaba por antecipar nela a sombra do desencanto e a resignação do mundo dos adultos. Também porque neles a câmara é um instrumento de observação do real, íntimo e social, atenta às pequenas manifestações da realidade num contexto ficcional (dos corpos e gestos dos actores, aos décors, às “interrupções” documentais que conferem veracidade ao conjunto).

Se **Besöka sin Son** é uma miniatura ainda um pouco esquemática sobre o conflito geracional (a severidade dos pais que visitam o apartamento do filho e da namorada tornando claro o seu desagrado pelo estilo de vida destes é dada mais pelo argumento e pelo trabalho algo caricatural dos actores do que pela sutileza da *mise en scène*), os dois filmes seguintes feitos na escola de cinema por Andersson são passos bastante mais seguros na capacidade de criação de personagens e de situações marcadas pela complexidade psicológica e pela ambiguidade de sentido. Note-se a continuidade estilística, temática e de ambientes entre os três filmes (que quase poderiam funcionar como sequências de um mesmo filme sobre um jovem casal de namorados a viver o primeiro teste de resistência do sentimento amoroso ao desgaste da vida em comum), mas assinalem-se os progressos de Andersson em intensificar a densidade do retrato destas personagens prosaicas, tristes e alegres, tentando ser diferentes dos seus pais mas ainda obrigados às mesmas rotinas ditadas pelo trabalho e pela adequação à “vida normal”. Apesar da idade dos protagonistas, são de certa forma três filmes “outonais” no tratamento da luz e dos espaços (quase exclusivamente interiores de apartamentos nos dois primeiros e nas sequências iniciais e finais de **Lördagen den 5.10**), nas emoções mais sugeridas do que manifestadas e na tonalidade melancólica geral destes três fragmentos do quotidiano (os quais podem ser vistos também como estudos preparatórios para a sua primeira longa metragem, o mais soalheiro “**Uma História de Amor**”, feita imediatamente a seguir à conclusão da escola de cinema e recompensada com um estrondoso êxito na Suécia e no circuito internacional). Nestes filmes, tal como *À bout de souffle* nos ensinou, um quarto pode conter um mundo. Embora de forma menos expansiva e demiúrgica do que no filme de Godard ou noutros quartos da *Nouvelle Vague*, é essa a premissa comum aos três primeiros filmes de Andersson, aqui ainda um convincente praticante de um naturalismo profundamente ancorado na crença cinematográfica num realismo psicológico e social. Nos antípodas, portanto, do estilo artificioso e das inquietações metafísicas do cineasta renascido para o mundo com **Canções do Segundo Andar** (que veremos amanhã) e que começou a anunciar-se precisamente com as duas curtas metragens que completam esta sessão.

Tanto **Någonting har Hänt** como **Härlig är Jorden** respondem a encomendas feitas no final dos anos 1980 a Roy Andersson, provavelmente ditadas mais pela sua fama enquanto realizador de *spots* publicitários de humor seco e estilo visual imediatamente reconhecível do que pela memória já remota do realizador que tinha assinado com “**Uma História do Amor**” o maior sucesso do cinema sueco de 1970. Feito a pedido do Ministério da Saúde da Suécia no âmbito de uma campanha de informação sobre a SIDA, **Någonting har Hänt** é provavelmente o mais desconcertante filme-encomenda jamais feito, o que explica que tenha ficado em certa medida inacabado e semi-inédito até vários anos depois da sua produção. As razões do desconforto para os autores da encomenda são ainda hoje flagrantes. Em vez de um documentário expositivo sobre a origem da SIDA, das suas consequências na saúde e na sociedade e do que deveria ser feito para a combater, Andersson preferiu uma via bem mais tortuosa (em parte baseada numa teoria conspirativa então em voga que atribuía a existência do vírus a experiências laboratoriais secretas fora de controle). Através de uma série de vinhetas ficcionais (sem clara relação umas com as outras), o realizador encena um conjunto de situações mais ou menos directamente inspiradas pelas necessidades do combate à SIDA, mas todas marcadas por uma atmosfera ligeiramente surreal e bastante sinistra (a lúgubre narração off também não ajuda ao efeito mobilizador pretendido neste tipo de filmes). Dos vários quadros propostos (e **Någonting har Hänt** inaugura no cinema de Andersson uma estética de enquadramentos fixos e longos - já determinante nas suas publicidades - que domina até hoje) retenham-se três pela capacidade de anteciparem a mundivisão tragicómica de Andersson que, a par do seu marcado estilo visual, são a sua imagem de marca: a conferência científica que parodia o suposto momento da primeira passagem do vírus dos macacos para o homem; a aula onde uma série de miúdas aprende a colocar um preservativo sob a orientação da professora; a piscina gelada onde militares e médicos testam sem qualquer dó nem piedade a resistência humana a baixas temperaturas.

Perante **Härlig är Jorden** podemos igualmente pressupor o choque dos autores da encomenda, já que o filme resulta de um projecto do Festival de Cinema de Gotemburgo que, em cada ano da década de 1990, pediu a um realizador diferente o seu retrato em curta metragem da Suécia desses anos. Nascido precisamente em Gotemburgo, Andersson foi o nome escolhido para inaugurar a série e o seu filme foi de longe o mais bem-sucedido (os restantes nove capítulos não tiveram de todo a mesma repercussão fora do país). Dando pela primeira vez plenamente expressão a uma reflexão sobre o destino trágico do homem temperada por um humor que primeiro se estranha e depois se entranha, no celebrado primeiro plano de **Härlig är Jorden** (irónica utilização do verso de um hino religioso sueco que fala da glória do mundo) está a certidão de nascimento de um “novo” cineasta (o tal Mr. Andersson da segunda fase). O “homem sem qualidades” que atravessa a sucessão de vários quadros do filme (novamente quadros impecavelmente compostos e sempre fixos) é tanto a testemunha impassível dos piores horrores da história (como nesse primeiro plano, o Holocausto é uma recorrente fonte de inspiração para Andersson) como um patético e desesperançado ser humano permanentemente afligido pela morte e pela ausência de sentido da existência.

Apesar do êxito alcançado por estas visões desconfortáveis da condição humana em registo de comédia *deadpan* - entre outros prémios, o filme recebeu o de Melhor Curta Metragem no Festival de Clermont-Ferrand em 1992, tendo sido posteriormente incluído numa célebre antologia de 16 curtas metragens de grandes nomes do cinema europeu (entre os mais estimáveis, estão lá Godard, Moretti e Kieslowski) -, seria preciso esperar quase mais dez anos para que as sementes da árvore do pessimismo existencial anderssoniano que despontava em **Härlig är Jorden** dessem novamente fruto. Dessa longa espera, de que Andersson é o principal “culpado” por razões que daremos conta nas próximas três folhas desta retrospectiva, nasceria a chamada (e aclamada) Trilogia dos Vivos.

Nuno Sena